Alemanha, principal motor da Europa, vive paralisia econômica

País é o que tem o pior desempenho entre as nações na Zona do Euro; em 2023, Produto Interno Bruto recuou 0.3%

MELISSA ENDY THE NEW YORK TIMES BERLIM

A Alemanha começou o ano com as ruas de Berlim cheias de tratores e fazendeiros tocando buzinas, em protesto furioso contra os cortes orçamentários propostos pelo governo. Em seguida, engenheiros ferroviários abandonaram o trabalho para exigir melhores salários, deixando os passageiros e vagões de carga presos e o país irritado e paralisado.

O mesmo poderia ser dito sobre a situação da economia alemã. No ano passado, ela recuou 0,3%, segundo dados oficiais divulgados na semana passada, o que a torna, além da maior economia, também a de pior desempenho entre os 20 países que usam o euro.

"Não vemos nenhuma chance de uma recuperação rápida em 2024" Siegfried Russwurm Presidente da Federação das Indústrias Alemãs

"Ninguém pensou sobre o que isso poderia significar em uma crise" Monika Schnitzer Assessora do governo sobre dispositivo constitucional que barra aumento de gastos

"A economia está parada", disse Siegfried Russwurm, pre-sidente da Federação das Indústrias Alemãs. "Não vemos nenhuma chance de uma recuperação rápida em 2024." Conforme números oficiais, há cinco meses seguidos a produção industrial registra queda.

Desde que foi reconstruída após a 2.ª Guerra, a Alemanha tem sido o principal motor de crescimento econômico da Europa, tornando-se uma potên-cia industrial conhecida por suas grandes fábricas e engenharia refinada.

No entanto, agora os fabricantes de automóveis precisam competir com os carros elétricos relativamente baratos da China, e o país disputa com os Estados Unidos para atrair gigantes da tecnologia. Há uma percepção crescente de que a Alemanha não conseguiu atualizar seu setor com flexibilidade e conhecimento digital suficientes para permanecer competitiva.

DISPUTA POLÍTICA. Como a economia sofreu uma queda no ano passado, o governo ficou quase paralisado em razão de disputas entre os membros dos três partidos que compõem a coalizão governamental do chanceler Olaf Scholz. Depois, veio uma crise orçamentária em novembro, fazendo com que a popularidade do governo despencasse nas pesquisas.

Muitas dessas disputas foram sobre como preencher uma lacuna de € 17 bilhões (por volta de R\$ 92,2 bilhões) no orçamento depois que a mais alta corte do país, em novembro, rejeitou o plano de gastos anterior. Essa decisão foi motivada pelo chamado freio da dívida, dispositivo inserido na Constituição para manter o déficit público sob controle.

No entanto, as crises geopolíticas e as novas rivalidades industriais com a China e os Estados Unidos enfraqueceram a demanda no exterior por produ-tos fabricados na Alemanha. O país enriqueceu nas últimas décadas vendendo seus produtos para o mundo todo, acumulando um superávit comercial que prejudicou os laços com os Estados Unidos sob o comando do presidente Donald Trump

As restrições à tomada de empréstimos estão impedindo o governo de fazer investimentos necessários em infraestrutura pública - desde escolas e administração pública até ferrovias e redes de energia. "Escrever isso na Constituição deu a ela o efeito vinculante que se pretendia na época", quando a dívida disparou após a reunificação com a Alemanha Oriental e os gastos aumentaram após a crise financeira de 2008, disse Monika Schnitzer, assessora do governo, ao podcast Hessischer Rundfunk. "Mas ninguém pensou sobre o que isso poderia significar em uma crise séria - que não há espaço suficiente para manobras."

PRESSÃO. Schnitzer, que dirige o Conselho Alemão de Especialistas Econômicos, está entre os especialistas que pedem aos legisladores que ajustem o mecanismo. Isso, porém, significaria mudar a Constituição, o que exige uma majoria de dois terços no Parlamento, um nível de cooperação entre a oposição e o governo que é impensável no atual ambiente político.

CORTES. Com o dispositivo em vigor, neste ano e no próximo, os alemães se verão diante de cortes nos gastos do governo, afetando uma série de subsídios - que atingem de agricultores a cineastas. Os viaiantes enfrentarão um novo imposto sobre passagens aéreas. Os incentivos à energia solar e aos veículos elétricos serão reduzidos. O dinheiro para melhorar as conexões ferroviárias também será cortado.

Os economistas advertiram que os cortes de gastos, em vez de aumento de impostos uma medida que se choca com

os Democratas Livres, fiscalmente libertários, o menor partido da coalizão de Scholz, mas que controla o Ministério das Finanças -, será um obstáculo adicional à economia.

Os cortes de gastos não poderiam vir em um momento pior para a economia cambaleante da Alemanha, Eles fizeram com que os três principais institutos econômicos do país reduzissem suas previsões de crescimento econômico para 2024 para algo entre 0,6% e 0,9%, abaixo da faixa de 1,1% a 1,4% prevista em setembro.

No entanto, nem tudo é ne-



gativo, dizem os economistas. A inflação de dois dígitos caiu para 3,8% em dezembro, e espera-se que as altas taxas de juros comecem a diminuir ainda este ano. Isso, aliado a um aumento nos salários conquistado após ações trabalhistas como a greve dos engenheiros ferroviários, poderia incentivar os consumidores alemães a gastarem mais, embora com o risco de aumentar a inflação.

ESTE CONTEÚDO FOI PRODUZIDO COM O AUXÍLIO DE FERRAMENTAS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E REVISADO POR NOSSA EQUIPE EDITORIAL.

